

Já visto jamais visto: o tempo como personagem às avessas

LUIZ ROSEMBERG FILHO

Cineasta, diretor de *Jardim das espumas* (1970), *Assuntina das Américas* (1976) e *Crônica de um industrial* (1978), entre outros filmes

Delacroix explica que começava com vontade de pintar uma flor e depois, de repente, sem compreender por quê, ele se punha a fazer leões, cavaleiros, mulheres violadas. Mas no fim das contas voltava à ideia da flor. Acho que é assim que se aprende.

Godard

Olhar e imprimir uma imagem não é só um corte no real, mas uma escolha estética fértil a ser desenvolvida ou não no cinema autoral. Enfim, admitimos uma variação de abordagens, desde que todos tenham os mesmos direitos. O acesso ao mundo das imagens privilegia, sim, o tempo, a memória, mas também os sem talento algum. E então espaços, dúvidas, oscilações e singularidades. Pode-se filmar a imobilidade das ideias vindas da publicidade e da TV, ou infinitas expressões poéticas necessárias ao saber e à criação. Em essência, tais imagens nascem da franqueza, da vida, dos afetos, dos encontros, dos sonhos e também das tristezas.

E é de onde parte o delicado filme *Já visto jamais visto*, novo trabalho de Andrea Tonacci. Exceto o rigor e a beleza que caracterizam os seus filmes passados, o autor se supera expondo-se não como humilhado ou derrotado, mas como perseverança. É um cineasta de expressões humanas profundas. E nesta sua delicada combinação de momentos, seu filho Daniel sendo observado e educado no tempo feio em que vivemos todos. A tentação de ser humanamente melhor mostrando a vida que passa marcando cada rosto, cada corpo, cada alma e cada espaço quando não é destruído pelo homem.

Ora, criar não é a mesma coisa que ganhar! Nossa concepção do ato criativo opõe-se à prostituição e a seu conjunto de interesses inanimados, como mídia, sucesso, celebridade... E no que falta sutileza e saber aos “cineastas” televisivos e publicitários, suas únicas certezas é de que são poucos ou nada humanos. Alimentam-se e vivem do infantilismo medíocre do espetáculo e da repetição de vazios do poder da comunicação de massas.

Já criar a modernidade no cinema hoje é, sim, uma inversão radical da TV. E ainda: esse esforço consiste na sutileza de se pensar e estudar a fundo o cinema de Humberto Mauro, Glauber Rocha, Rogério Sganzerla, Leon Hirszman, e outros que

sempre subverteram o idiotismo reinante no cinema brasileiro. Dá para se comparar uma joia como *Elena* (Petra Costa) com *De pernas pro ar* (Roberto Santucci)? Claro que os dois podem existir, desde que todos possam filmar com os mesmos direitos.

Eis aí, com Andrea Tonacci, a imagem como um novo caminho a ser pensado. Repetindo uma vez mais para que se entenda: pode ser esbanjadora e comum como no cinema de mercado, ou sensível, afetuosa e arbitrária como no rico cinema de invenção. E se o tempo é a nossa melhor imagem, vivê-la criativamente é uma odisséia que jamais se completará na nossa própria história. Pode-se então trabalhar em qualquer momento exprimindo, claro, vida! - vida criativa que não se vê no charlatanismo de comediazinhas idiotas vindas da TV. E nada mais pobre e hipócrita no nosso tempo que a televisão e seus muitos canastrões e peruas deslumbradas com um sucesso duvidoso. Isso sem falar na sua influência nefasta sobre a criação de um modo geral. Ficamos horrorizados, sim, com o que fizeram do cinema brasileiro. Só defendido hoje por velhos e “novos” picaretas, sempre lambendo qualquer tipo de poder. Não lamberam ainda ontem a Aliança Para o Progresso? Mas aqui tudo pode, tudo se justifica.

Com *Já visto jamais visto*, Tonacci faz um real investimento no não-esquecimento afetivo da sua própria história. Uma investigação poética do Ser, como unificador de momentos preciosos vividos intensamente, além dos limites. O tempo como personagem às avessas. E que, de certo modo, continuaria bem uma poesia de Fernando Pessoa que diz: “Procuro esquecer-me do modo de me lembrar que me ensinaram/ E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos...”. Tonacci e sua companheira e montadora genial, Cristina Amaral, vão ziguezagueando em encontros, afetos, momentos, pessoas, ideias, imagens, viagens e questões, como a educação da sensibilidade no filho Daniel. Dotando tudo de uma história apreendida como totalidade e análise de um determinado estado do olhar. O olhar da família e do cinema para o mundo.

Digamos, uma doce tentativa de dessacralizar a dor dos filmes não-concluídos, resgatando-os como história até então esquecida e indevassável. E na inacessibilidade do tempo que passou, a poesia musical do olhar. Olhar o filho, a família, o país, os amigos, as pessoas, os espaços... E, entre acasos, a consolidação de uma outra história: a de um novo filme possível. Como afirmava

Nietzsche em *A gaia ciência*, “Quero cada vez mais aprender a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas: assim me tornarei um daqueles que fazem belas coisas. Amor fati (amor ao destino): seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio [...] quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!”.

Sim ao vivido. Sim aos afetos. Sim aos encontros, desencontros e impossibilidades. Sim ao nebuloso. Sim aos acasos. Sim à liberdade de sonhar proibições. Sim às suas tantas inspirações e vontades. Sim à arbitrariedade linguística. Sim à radicalidade poética, visível ou não. Digamos, uma criativa ressignificação de passados. Uma experimentação viva de vivências preservadas nas imagens. Precisamente um cine diário. Ora, como foi que nos tornamos o que somos hoje?

Um novo filme que sinaliza mudanças. Um não, à má-consciência da hipocrisia reinante no cinema de mercado. E é dentro dessa perspectiva que o ato de criar se transforma em excepcionalidade mágica dos encontros e afetos vividos. Tonacci, nesse trabalho, faz uma espécie de “desinversão” das suas certezas abandonadas por falta de dinheiro, no tempo que passou. O que para o Carapiru era uma procura do que havia perdido em *Serras da desordem*, o filho e a floresta, neste *Já visto jamais visto* feito agora, é, sim, uma reformulação de essências e imagens vividas pelo realizador, seu filho e seus amigos. Uma procura maior dos sentidos guardados no tempo que foi passando. Um conjunto de momentos vivos, mas não desenvolvidos ou concluídos. Uma infinidade de relações e conexões poéticas necessárias ao seu crescimento como ser humano.

Fora os tantos afetos vividos, o que há de mais precioso na vida de um cineasta-poeta são as palavras pensadas e as imagens pessoais vividas e impressas em algum momento. Ontem, em fotos envelhecidas da família. Depois, nas viagens. Mais à frente, nos encontros e desencontros. Tonacci guardou tudo como num velho álbum de fotografias amareladas pelo tempo. E uma vez disposto a refletir sobre o seu movimento na vida, volta a elas com sua preciosa companheira e editora. Tornando o tempo uma pintura visual de acontecimentos próximos e distantes.

Fazem um trabalho ousado e plural entre as muitas hipóteses e a consciência. Com pouco fazem muito, num cinema onde muitos criam pouco – conseguiram transformar a criação

em algo desprezível, indiferente e que muito raramente se paga na bilheteria! Refiro-me aí ao cinema patronal de gigolagem da violência, do baixo humor televisivo e da miséria como espetáculo. E, depois, para quê? Para chegarem a Hollywood? E fazer o quê? *Robocop*? Cineastas, sim!, só que de aluguel.

Tonacci e Cristininha vão por outro caminho, retrabalhando sentimentos transparentes e grandiosos da vida do cineasta. Elevam cada imagem a um novo tempo de avaliações onde o que importa é o humano, a simplicidade e a vida-vivida entre intensidades, descobertas e tristezas políticas. O filme é sim uma busca sentimental do olhar alimentado pela criação e pelo afeto. Uma busca de respostas, sem perguntas. Uma volta no tempo que passou, reconhecendo-se o experimento intenso em cada momento. E isso em tempos muito mais difíceis de perdas e proibições.

O filme avança entre metáforas, senões e preciosidades da vida. Que belo tema é o tempo! Deplorável para uns. Poético para outros. Tonacci joga com a expressão e a invenção, num compromisso sacerdotal com a experimentação, traduzível como linguagem. E entre momentos diferentes, o estilo nobre de cada encontro. Um esforço honesto numa busca da beleza. A delicadeza de cada floreio de imagem e montagem. A arte de filmar e de montar sonhos, de descobrir caminhos. E, se estamos cansados hoje, já fizemos muito pelo cinema brasileiro, sem dinheiro algum vindo da nefasta burocracia partidária. Uma burocracia que se perpetua no horror em que estão conseguindo transformar a tão desejada e suada Abertura! Pena.

Para Cristina Amaral

Rio de Janeiro, 2013

